

Nem a deficiência trava as intenções de um britânico

Contra a malária, vale tudo

Aos 58 anos, David Robertson já percorreu mais de 200 mil quilómetros com o objectivo de combater a malária, uma das principais causas de morte em África. Aos 18 anos, sofreu um acidente que o deixou sem o braço direito e o obrigou a usar uma prótese na perna direita.

Por Teresa Fukady
Fotos Manuel Tomás



“A ideia surgiu depois de quase ter morrido quando contratei a doença no Quênia, em 1988.”

ver e a CICI Angola. Recebia também apoio da Esno Angola, mas foi cortado. As expedições têm um custo anual de mais de 140 mil dólares.

Durante as viagens, alimenta-se de comidas enlatadas e chega a passar fome. Dorme ao relento ou em tendas, já viveu situações em que ficou sem combustível e teve de esperar que alguém o ajudasse. Conta com a companhia de amigos ou da esposa.

“Drive Against Malaria” traduzida para o português “Conduzir contra a malária” começou em 1988. Desde então, o britânico já percorreu mais de 200 mil quilómetros viajando para extremos mais distantes de seis continentes.

PASSAGEM POR ANGOLA
Angola constituiu pela segunda vez na agenda de David Robertson. Primeiro, em 2006. Voltou recentemente depois de ter passado pelos Camarões e Namíbia. Dez anos depois, faz um balanço positivo nos esforços do país na luta contra a malária e, em conjunto com a CICI, fez a entrega de 3 mosquiteiros e testes rápidos. Alegria-se ainda pela melhoria nas estradas.

Angola faz parte de um projeto que começou em Outubro na República Centro-Africana. Passou por Camarões, Gabão, Congo-Brazzaville, República Democrática do Congo, Namíbia e ainda chegou ao Botswana, Afeganistão, Suazilândia, Moçambique, Malawi, e terminou em Zâmbia a 25 de Abril.

Com apenas um braço e uma perna, David Robertson não se deixa intimidar pela deficiência e faz dela a maior motivação para vencer barreiras. A deficiência é fruto de um acidente que sofreu aos 18 anos, quando a moto em que seguia embateu contra um carro com um motorista embriagado. O choque foi tão forte que, para sobreviver, teve de amputar o braço direito e colocar uma prótese na perna.

Há 28 anos, ganhou um novo fôlego com a campanha “Drive Against Malaria”, que consiste em viajar de carro. A ideia surgiu depois de quase ter morrido quando contraiu a doença no Quênia, em 1988. Desolado com o número de mortes, traçou um objetivo: “parar a malária em África”. Desde então, iniciou uma longa caminhada, percorrendo mais de 90 países e quase toda África, lutando contra a malária e despertando consciências.

Com um Range Rover adaptado às suas necessidades, que o acompanha há 18 anos, conduz milhares de quilómetros. Leva na bagagem mosquiteiros tratados, testes rápidos e outros tratamentos que entrega às populações mais carenciadas. Enfrenta estradas perigosas

Malária em Angola

Em Angola, a malária é a principal causa de morte, com um registo anual de sete mil óbitos. A doença afecta cerca de três milhões de pessoas por ano. As crianças menores de cinco anos e as mulheres grávidas são os grupos mais vulneráveis.

A prevalência da malária encontrada no Inquérito de Saúde, recentemente publicado, é de 14 por cento em crianças dos seis aos três anos. Sendo mais elevada nas zonas rurais com 22 por cento, quase três vezes superior que nas áreas urbanas. Moçico e Kuando-Kubungo apresentam prevalências mais altas, 40 por cento e 38 respectivamente. Huambo, Namibe e Cunene apresentam as prevalências mais baixas.

Os resultados do inquérito mostram ainda que apenas 31 por cento dos agregados familiares possuem, pelo menos, um mosquiteiro tratado com insecticida de longa duração. Em relação à cobertura universal, apenas 11 por cento dos agregados familiares têm, pelo menos, um mosquiteiro para cada duas pessoas residentes.

Dados da Organização Médicos Sem Fronteiras mostram que, em 2015, foram registados mais de 210 milhões de novos casos de malária no mundo, com a estimativa de que 490 mil pessoas tenham morrido.

e de difícil acesso, a fúria dos animais selvagens, chuvas e o risco de ser morto por guerrilhas. Já esteve sequestrado por quatro dias na República Centro Africana, foi atacado por um elefante e contraiu a malária sete vezes.

Quando começou, foi criticado pela família e amigos que lhe garantiam ser “impossível” que alguém com a sua deficiência pudesse per-

correr longas distâncias a conduzir e que fosse capaz de combater a doença. Mas não desistiu e alega-se por ter conseguido, diz ele, “evitar cerca de sete milhões de mortes”. “O maior prazer é saber que o trabalho tem resultado”, acrescenta. David Robertson admite ter dificuldades na angariação de fundos. Um dos grandes financiadores é a Range Ro-



Mission 'CONGO to KALAHARI'
Distribution 17.550 Nets